

“TEVE QUE MANDAR BENZER”: SOBRE CRIAÇÃO E BENZIMENTO DE ANIMAIS

MÍRIAM REBECA RODEGUERO STEFANUTO

RESUMO *Neste artigo é abordada a prática do benzimento de animais em propriedades rurais do interior paulista. Amparado pela bibliografia sobre o tema, o texto discute os relatos de benzedores(as) e criadores de animais do município de Itaju a respeito do benzimento, obtidos durante entrevistas semiestruturadas realizadas durante pesquisa de campo. A partir daí, o artigo procura apresentar, primeiramente, como o benzimento é realizado tanto por benzedores(as) quanto por aqueles que procuram seus serviços, cujo papel está fundamentalmente associado à fé e, principalmente, que se trata de uma prática que constitui, junto de outras tarefas, o trabalho de cuidar das criações.*

PALAVRAS-CHAVE *Benzimento. Catolicismo. Criação de animais.*

“HE HAD TO SEND A BLESSING”: ABOUT BREEDING AND BLESSING OF ANIMALS

ABSTRACT *This article discusses the practice of blessing animals in rural properties in the state of São Paulo. Supported by the bibliography on the subject, the text discusses the reports of benzedores and farmers in the municipality of Itaju about blessing, obtained during semi-structured interviews carried out during the field research. Then, the article seeks to present, first, how the blessing is performed both by benzedores and by those who seek their services, whose role is fundamentally associated with faith and, mainly, that it is a practice that constitutes, with other tasks, the work of taking care of the animal husbandry.*

KEYWORDS *Benzimento. Catholicism. Animal husbandry.*

INTRODUÇÃO

¹ A realização desta pesquisa é possível graças ao financiamento da FAPESP (Processo 2018/09278-5).

Este artigo¹ procura explorar os benzimentos, associados à religião católica, a partir da criação de animais, principalmente bovinos e suínos. Nas propriedades rurais de Itaju, benze-se porque funciona e porque é um método menos penoso de curar os animais ou livrá-los de alguma ameaça. É essa prática específica que esse texto se dedica a analisar, a fim de encontrar as muitas relações implicadas nas benzeções.

Itaju é uma cidade do interior paulista que faz fronteira com os municípios de Ibitinga, Bariri, Arealva e Iacanga; é cortado pela rodovia SP-304 e teve a população estimada, em 2020, em 3.887 habitantes. A maior parte dos 230,355 km² totais do município é constituída por propriedades rurais: a cidade possui somente 1,39 km² de perímetro urbano. Aquele que produz nessas propriedades é, em praticamente todos os casos, o proprietário da terra (IBGE). A respeito das populações animais, o que se destaca é o rebanho de bovinos, 9.789 cabeças. Vale mencionar a produção de galináceos, 852, e suínos, 262. Esses são os animais que, até o momento, apareceram nos relatos sobre as benzeções.

Os animais de criação habitam propriedades rurais, comumente chamadas de “sítios”. Embora nem todos os proprietários morem em seus sítios, eles permanecem atentos ao surgimento da necessidade de um benzimento. Nesses casos, normalmente o dono da terra trabalha na propriedade todos os dias pela manhã e retorna para outros afazeres na cidade na parte da tarde. Mas há, claro, a possibilidade dessa rotina ser alterada em casos de necessidade. Os que moram nos próprios sítios tanto podem se dedicar exclusivamente a eles quanto oferecer serviços em outras propriedades, caso as suas sejam pequenas. Por fim, os benzedores dos quais tenho conhecimento até o momento moram na parte urbana do município, de modo que as benzeções são, além das questões de moradia e deslocamento, um outro elemento a borrar uma tentativa de separação mais rígida entre as propriedades rurais analisadas e a pequena Itaju.

O benzimento² está presente em diferentes contextos e religiões e têm, há tempos, despertado o interesse de pesquisadores nas ciências humanas (QUEIROZ, 1980; OLIVEIRA, 1983; QUINTANA, 1999; NERY, 2006; MOURA, 2009; SOUSA, 2011), biológicas (TUSSI; FÁVARO, 2017; CANSI et al. 2012) e está presente, também, entre povos indígenas no Brasil (FARAGE 1997; ROSA, 2005; 2010; LOLLI, 2013 e SALGADO, 2016).

Tomei conhecimento dessa prática por acaso. Na época, meu pai, José, possuía uma oficina da cidade vizinha, Bariri, onde um cliente contou uma história sobre porcos e benzimento em Itaju, que relato mais adiante. A partir daí, procurei tomar conhecimento das pessoas que buscam e que oferecem benzeções. Os criadores costumam ser fiéis a um benzedor ou benzeadeira, pelo que pude verificar até o momento; mesmo assim, sabem de outros especialistas que prestam o mesmo tipo de serviço e, além disso, quem mais utiliza os benzimentos para tratar das criações e quem, ao contrário, não o faz.

A respeito das distinções entre benzedores e benzeadeiras, costuma-se afirmar que estas são especialistas em benzer crianças (ARAÚJO, 1975 e HOFFMANN-HOROCHOVSKI, 2015). Embora haja apontamentos de que, quando se trata de expulsar cobras dos pastos ou parasitas da criação, somente homens sejam capazes de benzer (NERY, 2006), Dona Cida, benzeadeira de Itaju³, não só benze animais como começou a ser benzeadeira por conta de um, como relato neste trabalho. Apesar dessa igualdade, procuro explorar algumas questões de gênero que apareceram em campo e na bibliografia.

Normalmente, as orações e rezas vão sendo aprendidas pelo futuros benzedores e futuras benzeadeiras no convívio com algum familiar que já os realiza. Durante esse tempo, como se verá, alguns acontecimentos são tomados como indicativos de que esta ou aquela pessoa deve tomar para si a tarefa de benzer. Dona Cida argumenta que talvez um neto seu passe a benzer em seu lugar, pois ele é enfermeiro e já tem, por conta disso, uma

² A prática pode aparecer com outros nomes e nomenclaturas. O Dicionário do Folclore Brasileiro, por exemplo, não fala especificamente do “benzedor”, mas discorre sobre o “curador de rasto” (CASCU-DO, 1954, p. 218).

³ Conheci Dona Cida por conta de João, que mora no sítio, é irmão de Jair e frequentemente resolve alguns problemas via benzimentos com Dona Cida. Em uma ocasião, ele me levou até a casa dela. Dona Cida aparenta ter pouco mais de 60 anos e mora com o marido e com o neto, enfermeiro.

postura de cuidado e bem querer que faz parte do ofício. Val, por sua vez, foi o filho que, dentre vários, mais tempo ficou na casa do pai, benzedor. Hoje é Val quem benze.

Na primeira seção do artigo, “O benzedor e os benzimentos”, relato meu encontro com um dos benzedores de Itaju, Val, e busco explorar alguns dos elementos da sua trajetória de vida, além de apresentar como aparecem, tanto na bibliografia quanto entre alguns moradores de Itaju, as distinções entre um catolicismo dito oficial e outro popular, bem como entre padres e benzedores. Na seção “Quem tem benzedor não cria sozinho”, destaco a importância que os benzimentos e seus executores podem adquirir para aqueles que criam animais. Além disso, analiso a participação daqueles que buscam os benzimentos, que ocorre através da confiança no trabalho do benzedor ou benzeira e de uma fé em um mundo organizado a partir da vontade divina.

Associada a um ordenamento particular do mundo, há uma noção de equilíbrio que é melhor analisada na terceira e última seção. As benzeções são uma forma de resolução dos problemas que reforçam uma configuração específica das relações entre os seres que compõe o mundo e que estão presentes no benzimento. Como é apresentado, mesmo tratando-se de animais peçonhentos, a ideia das benzeções implica em não matar, mas em afastar. Por fim, principalmente a partir da bibliografia, analiso as orações, que são o componente fundamental do benzimento e ferramenta principal das benzeiras e benzedores. Vamos a eles.

O BENZEDORE OS BENZIMENTOS

“Aqui na Boa Visto todo mundo benze. Mas eu não, eu não acredito.”

Embora a breve pesquisa de campo, espremida entre os esforços de quarentena e o impacto da pandemia, tenha começado com uma conversa com um cético quanto aos

benzimentos, Dorão⁴, foi ele quem me passou o número de telefone de um benzedor bastante conhecido na cidade de Itaju (SP). Nas últimas eleições municipais, Val foi reeleito vereador⁵ e há quem afirme que isso se deve, principalmente, ao fato de ele já ser bastante conhecido por conta dos benzimentos que realizou. Além do seu contato, fiquei sabendo do proprietário de um sítio nas proximidades que frequentemente demanda os serviços de cura oferecidos por Val, Seu Rucino.

Antes de conhecer qualquer um deles, estive em um mercado recém aberto na mesma cidade. Enquanto empacotava as compras, fui questionada pela mulher que operava o caixa se eu era dali. Respondi que meu pai morava em Itaju já havia algum tempo, mas que eu estava de passagem por conta da minha pesquisa sobre benzimentos e que tinha um encontro marcado com Val no sábado. “Benzimento? Pois então deixa eu te contar o que aconteceu comigo semana passada”.

Perdi a oportunidade de questionar se ela acreditava que o ocorrido tinha relação com a abertura do mercado, mas vamos a ele. No dia anterior, ela havia trancado tudo para ir para casa e, assim fechado, o mercado fica sem nenhuma abertura para o lado de fora. No dia seguinte, ela se deparou com uma cobra dentro do estabelecimento. Entrou em contato com Val que foi até o local e concluiu: a cobra tinha sido mandada para lá por alguém. O remédio foi um tanto de água, abençoada por ele, que ela passou em todos os cantos do mercado com uma garrafa, o que fez com o que o animal saísse. Assim fiquei conhecendo um dos trabalhos de Val, por acaso, antes de encontrá-lo pessoalmente.

O benzedor e eu conversamos na calçada da casa dele, abrigados do sol quente na sombra de um oiti do vizinho. De início, achei que eu não havia sido convidada para entrar porque a conversa seria bastante breve, mas não foi o que aconteceu. Em algum momento da nossa conversa de “mais de hora”, percebi que ele e sua esposa moram em casas separadas e que estávamos na frente da casa dela, na cidade. Ele preferia ficar no sítio para

⁴ Dorão, homem branco que tem por volta de 50 anos, adquiriu um pequeno pedaço de terra recentemente e não mora ali, embora tenha construído uma casa. Costuma trabalhar na propriedade durante as manhãs. Seu sítio faz divisa com o de meu pai, e foi quando ele comentou sobre minha pesquisa que Dorão passou as informações.

⁵ Com 132 votos, Valdecir Fernandes, homem branco de 57 anos, foi reeleito vereador pelo partido Cidadania.

não a incomodar com as visitas frequentes que aparecem à procura de benzimentos. De todo modo, fiquei mais tranquila do lado de fora por conta da pandemia.

Da mesma maneira que nas demais conversas da pesquisa de campo, eu havia levado um caderno com algumas perguntas que pudessem guiar e estimular aquele primeiro encontro, mas a primeira delas foi o suficiente para desencadear causos, trechos da bíblia, memórias e até uma oração usada nos benzimentos. “Como o senhor começou a benzer?” levou Val a dizer que era “uma longa história”. A narrativa do benzedor destacava sua condição do filho que, dentre dez, ficou mais tempo na casa do pai, o que já dava indícios de que ele herdaria a tarefa de benzer. Mais adiante, revelações com a leitura da bíblia e a escuta de sons angelicais (“um som de harpa e crianças cantando em outra língua”) confirmaram o que Val chama de missão: ser um benzedor.

Recontar a própria trajetória é, assim como lembrar os benzimentos já realizados, uma das maneiras de provar a veracidade de seus feitos e de suas funções enquanto benzedores e benzedoras. Essa função significa, dentre outras coisas, uma posição intermediária entre os seres terrenos e os divinos, com uma aproximação destes últimos maior em relação àquela que as outras pessoas normalmente possuem. Eles significam uma relativização da aparentemente dura hierarquia divina que tem Deus acima de todos os demais. Benzedores e benzedoras são aqueles que mostram que, aqui embaixo, existem possibilidades de nós, humanos, vez ou outra nos situarmos um pouco acima das relações de influência (GOMES; PEREIRA, 2004).

Como é apontado por Gomes e Pereira (1992), a figura de Nossa Senhora, enquanto “rosto feminino de Deus”, também possibilita uma aproximação entre os liames dessa grande hierarquia: o que Deus, a princípio, não quer pode ser alcançado com interferência da mãe eterna. Segundo Mayblin (2010), há uma similaridade entre essa mãe divina e as benzedoras, que

reside no sacrifício pelo outro. Ao abordar o sofrimento pela ótica católica em Santa Lucia, Pernambuco, a autora conta que as rezadeiras choram no processo de benzimento e que esse choro aumenta conforme avança a cura. Outro exemplo dado por Mayblin é o bocejo, que ocorre na medida em que a especialista toma para si os problemas e as aflições da pessoa. Em Itaju, Dona Cida me disse que benzer cansa e que, por conta disso, muitas vezes ela termina o procedimento com uma “abrição de boca” causada, também, por bocejos⁶.

De modo similar à mãe intercessora, os santos são responsáveis por atender pedidos específicos dos fiéis e são capazes, a partir de um poder concedido por Deus, de resolver problemas terrenos por conta própria (LEERS, 1977; ALBUQUERQUE, 2004). Ademais, eles exercem suas especialidades, que são variáveis, o que faz com que os pedidos sejam direcionados para setores específicos do sagrado e não para qualquer um (LEERS, 1977). Embora sejam divindades e funções variadas, a necessidade de serem levados a agir principalmente por meio das orações dos fiéis é comum a todos.

Um benzimento, ou uma benção, é composto por gestos e palavras com os quais certas pessoas controlam as forças que desequilibram a vida humana (GOMES; PEREIRA, 1989). Dores persistentes, mal jeito (uma torção ou contratura muscular, por exemplo), objetos perdidos, serpentes fora de lugar... são variados os problemas que levam algumas pessoas a buscarem a ajuda de uma benzeira ou benzedor. Um deles é o aparecimento de ectoparasitas, chamados bernes ou bicheiras, em bovinos. Embora não seja o único benzimento destinado a proteger os animais de criação, é o mais recorrente, ao menos na região paulista em que desenvolvo a pesquisa.

As práticas de benzimento de animais, associadas à religião católica, são anteriores à colonização do Brasil. Bethencourt (2004) apresenta o caso de Rui Gonçalves, um português que curava animais doentes com sal e pão bento. Ainda em Portugal,

⁶ Até o momento, nada parecido foi relatado por Val e também não havia sido dito por Seu Juca, de modo que parece válido assinalar essa possível distinção entre os benzedores e a benzeira com os quais tive a chance de conversar.

era possível observar os bois “entrando pelas igrejas para serem benzidos pelos padres” (FREYRE, 2004, p. 84); Souza (1989) aponta para um benzimento de animais ainda mais amplo: “touro, ovelhas, porcos eram levados para bênção ritual e tornavam a basílica semelhante a um rancho texano de hoje” (SOUZA, 1989, p. 184). Apesar de praticado oficialmente pela Igreja Católica, quando realizado cotidianamente por pessoas comuns, o benzimento era, muitas vezes, repreendido e podia resultar na condenação do benzedor, em terras portuguesas ou brasileiras (BETHENCOURT, 2004; SOUZA, 1989).

A relação entre um catolicismo institucionalizado e um não oficial aparece ainda hoje, inclusive de maneira bastante explícita nas falas de Val, que não deixa dúvidas sobre seu conhecimento ser diferente e, muitas vezes, mais aprofundado do que aquele que possuem os padres e pastores.

Tem algumas perguntas que eu pergunto para padres e eles não respondem. Tem algumas perguntas que eu faço para pastores e eles não respondem. São coisas que Deus permitiu para eu saber, e não para eles. É um padre, um pastor, que lê a bíblia todos os dias e ele não consegue entender. E eu consigo entender isso aí, me vem o entendimento. E eles não (Val).

É interessante notar que o benzedor procura mostrar sua vantagem em relação aos oficiais católicos e aos evangélicos, o que aponta para a necessidade de não pensarmos as categorias religiosas de maneira estanque, ainda que, normalmente, as pessoas se declarem católicas em um primeiro momento. Como é evidenciado, ao mesmo tempo em que o benzedor se aproxima de uma outra religião por meio de comparações, ele aponta para uma certa distinção dentro do próprio catolicismo. Na bibliografia sobre o tema, a discussão a respeito dessas diferenças entre um e outro catolicismos se deu a partir dos termos catolicismo popular, onde estaria localizada a prática do benzimento, e outro catolicismo, dito e entendido como erudito ou oficial.

Em seu já clássico trabalho sobre o catolicismo que denomina “rústico”, Queiroz (1968) argumenta que, desde o período colonial, o catolicismo brasileiro esteve dividido em pelo menos duas partes, uma oficial e outra popular, e este foi constituído a partir de duas grandes questões: a influência do catolicismo popular português e a falta de sacerdotes qualificados. A respeito da primeira influência, a autora afirma que o catolicismo dito popular em Portugal era centrado no culto aos santos; cada família e aldeia se orgulhava de possuir seu próprio santo padroeiro, e isso foi trazido para o Brasil (QUEIROZ, 1968, p. 109).

Corroborando esse argumento, Laura de Mello e Souza (1989) chama a atenção para a considerável presença de elementos pagãos na religiosidade dos povos europeus, que, muitas vezes, desconheciam os dogmas da Igreja e participavam da liturgia sem de fato compreender seu sentido. Mesmo no Velho Mundo, levou um tempo até que a Igreja passasse a operar de maneira uniforme em torno das decisões conciliares. Ademais, durante o século XVI, as paróquias não chegavam a ser realmente importantes na religiosidade pelas pessoas e, mesmo no século seguinte, duas práticas cristãs coexistiam ali: a do clero e a dos fiéis (SOUZA, 1989). Bastante similar, portanto, ao que se argumenta a respeito do catolicismo popular no Brasil.

No Velho Mundo, as ações tridentinas⁷, que visavam a uniformizar a fé e desbastar as religiões com características pagãs e arcaicas, só seriam sentidas nos séculos XVII e XVIII (SOUZA, 1989). No Novo Mundo, esse esforço ocorreu ainda mais tarde, a partir da segunda metade do século XIX, com o processo de romanização. Enquanto isso, prevaleceu, no espaço rural, uma religiosidade autônoma e pouco identificada com a hierarquia eclesial (JURKEVICS, 2004).

De modo geral, a noção de catolicismo popular ou rústico foi pensada principalmente em relação a um contexto específico, que é, pelo menos na região sudeste do Brasil (sobretudo em São Paulo e Minas Gerais), o do caipira (BRANDÃO, 1983).

⁷ O Concílio de Trento ocorreu entre os anos 1545 a 1563, pós Reforma Protestante. Dentre as principais medidas tomadas para reavivar a fé e a disciplina religiosa, vale destacar a exclusividade do direito de interpretar as Escrituras pela Igreja Católica, o celibato clerical e a criação de seminários para formar seus sacerdotes.

Tratava-se de uma religião relacionada ao bairro rural isolado, descrito por Cândido (2017) como um “mínimo social” onde se desenrolam as relações básicas do caipira, tão rudimentares quanto o restante de sua vida; um catolicismo associado à vida errante que garantia nenhuma tinham da posse das terras que trabalhavam (QUEIROZ, 1968; BRANDÃO, 1983; CÂNDIDO, 2017).

Sem perder essas questões de vista, há que se considerar que falar em catolicismo popular adquiriu outros significados. Mas a oposição a uma religião oficial se mantém, sem que isso implique em um rompimento, como é apontado pelas pessoas entrevistadas, mas não só. Segundo Brandão, isto que chamamos por catolicismo popular possui inúmeros matizes e variações. Mesmo assim, uma característica que possuem em comum residiria no fato de que este catolicismo ancestralmente laico e rural, quase chega a constituir um pára-sistema religioso setorialmente autônomo frente a uma igreja de que ele sempre se reconhece parte (BRANDÃO, 2004, p. 268).

Essa diferenciação, que é estabelecida sem cindir completamente o catolicismo, fica mais evidente em alguns momentos de minha pesquisa. Quando conheci Seu Juca, o fiz por intermédio de uma ministra da eucaristia que toda segunda-feira levava a eucaristia para ele e, em uma das vezes em que fui junto, revelou uma admiração tanto por Seu Juca quanto pela eficácia dos benzimentos que ele realizava. Além disso, o próprio benzedor, que atua fora do âmbito da igreja, participa de algumas formalidades da instituição, como o recebimento da eucaristia e a confissão.

Jair, que cria gado e tem um pequeno pomar em um sítio próximo de Dorão, também apresenta essa distinção entre religiosidades, ao mesmo tempo em que, também nele, elas caminham juntas. Com cerca de 60 anos, ele é ministro da eucaristia há oito, embora, idealmente, as pessoas não permaneçam tanto tempo no cargo. Ele gostaria de sair, aparentemente

cansado da rotina de levar a eucaristia para moradores de Itaju que vivem em locais mais afastados da zona rural e das cobranças que aumentam em época de festa. Não consegue, contudo, abandonar a função, pois não há quem queira substituí-lo. Jair, que procura os benzimentos de Val quando necessário, afirma que as pessoas da Igreja não acreditam nessas coisas. Segundo ele, a Igreja tem uma ideia mais restritiva de quem pode realizar benzimentos.

Jair levanta aspectos que mostram como o benzedor, diferentemente dos padres, pode ser escolhido pelas pessoas segundo seus próprios critérios. Enquanto ele revela certo descontentamento com o atual padre da cidade, afirma procurar Val justamente por aprovar seu comportamento e sua disponibilidade. Contudo, desaprovar o padre não é motivo suficiente para deixar de frequentar as missas: se vai à missa, como disse o próprio Jair, por causa de Deus, não do padre. E, ao que tudo indica, se vai ao benzedor por causa do benzedor. E, claro, de Deus.

Em seu livro, Maya Mayblin (2010) mostra que algumas mulheres mais velhas de Santa Lúcia, pequena cidade no agreste pernambucano, se sentem à vontade para fazer críticas às homilias dos padres ou questionar quando as missas são demasiado longas ou curtas. Nesse mesmo sentido, muitas pessoas olham com desconfiança para frequentadores muito assíduos das missas e costumam ridicularizar alguns dos comportamentos dos evangélicos pentecostais, como o tipo de vestimenta e a postura abstinência. Isso se deve, segundo a autora, a uma desconfiança daqueles que se esforçam para “manter as aparências”, enquanto que maneiras mais genuínas de agradar a Deus estariam na busca pela imitação do trabalho e sofrimento de Cristo (MAYBLIN, 2010). No caso desta pesquisa, o que parece ser decisivo na valorização dos benzedores e benzedoras em relação aos padres é sua disponibilidade. Benzedoras e benzedores são mais acessíveis, como acusam os relatos, e assim deve ser: eles têm uma responsabilidade com o dom que receberam.

Arrisco dizer que os padres são menos dependentes do reconhecimento de seus fiéis que os benzedores e benzedeadas. Talvez seja considerado mais ou menos carismático, mais ou menos eficiente na organização das festas, mas isso não tem relação com sua função de ser uma ponte terrena com Deus. No caso dos benzimentos, pelo que pude observar, é preciso ter fé naquela ou naquele que os realiza, pois sua capacidade não está dada, mas é constantemente construída e reafirmada em um certo paralelismo com a Igreja. Como argumenta Mayblin, entre aqueles que raramente vão à igreja estão homens e mulheres, muitas vezes analfabetos, que são amplamente respeitados pela profundidade de sua fé. Essas pessoas podem ser curandeiros renomados, ou conhecidas simplesmente por orar diariamente em pequenos altares domésticos, manter uma forte devoção a um santo ou possuir um amplo conhecimento de passagens e histórias bíblicas (MAYBLIN, 2010).

Existem, portanto, outros critérios para reconhecer pessoas como benzedores e benzedeadas que não passam pelo cumprimento de todas as regras e rotinas oficiais da Igreja. Benzedores e benzedeadas atendem a outras expectativas e, a partir do reconhecimento daqueles a sua volta, possuem força e meios para desempenharem papéis um tanto alheios, mas não completamente, à Igreja oficial. Contudo, ainda que detenham uma capacidade diferenciada de acesso ao divino, suas ações não se realizam sozinhas. Como apresento na seção seguinte, aqueles que solicitam os benzimentos devem contribuir com certos comportamentos condizentes com o procedimento e, indiscutivelmente, da fé.

QUEM TEM BENZEDOR NÃO CRIA SOZINHO

A confiança na prática do benzimento se revela, entre os que benzem animais com o Val, no evitar olhar para o animal que foi benzido. Tanto Seu Rucino⁸ quanto Jair afirmam que não se

⁸ Seu Rucino mora em um sítio bem perto da cidade com sua esposa, que parece compartilhar das mesmas ideias sobre benzimento.

pode olhar o animal por três dias. Ficar conferindo para ver se o benzimento está mesmo funcionando indicaria uma falta de fé e aí, certamente, o procedimento perderia sua força. Essa é, também, a instrução passada por Val quando realiza esse tipo de procedimento. Dona Cida, por sua vez, argumentou que depois que ela realiza o benzimento, “não pode ir lá curar”, ou seja, aplicar remédios. Algumas pessoas utilizam tanto os recursos veterinários quanto os benzimentos, e estes podem ser realizados em continuidade com outros procedimentos veterinários, como a castração. No caso de Dona Cida, contudo, a orientação é para que não se misturem as duas coisas, o que pode ser também encarado como uma forma de não duvidar dos benzimentos, reforçando a necessidade de ter fé na sua eficácia. Como é apontado pelos autores, “a eficácia do ritual depende da interação entre a fé de quem benze a de quem é benzido” (GOMES; PEREIRA, 2004, p. 101).

A fé necessária para que os procedimentos ocorram de maneira satisfatória é uma fé tanto em benzedores e benzedeadas quanto na ideia de um mundo ordenado segundo critérios e vontade divinos e sobre o qual Deus, em última instância, é o grande responsável. Uma fé, portanto, em um “mundo encaixado”, onde “tudo vem de Deus” (GOMES; PEREIRA, 1992, p. 80).

Os benzimentos expressam um mundo em que há uma ordem na ligação das partes que o compõem: o elemento abaixo, como os animais, é inferior ou menor em relação aos humanos, enquanto que os seres acima, como santos, são superiores, os maiores. O ápice dessa grande cadeia é, obviamente, Deus, e sua vontade é tanto inquestionável quanto incontornável (GOMES; PEREIRA, 1992). Contudo, além de certas figuras que relativizam e, em alguma medida, burlam, ao menos em parte, essa hierarquia, há o fato de que ela toda é interdependente, de modo que aqueles que ocupam posições superiores devem, aos de baixo, cuidado e ajuda. Os benzedores e benzedeadas,

⁹ Em uma conversa por telefone, José exemplifica a já apontada distinção entre padres e benzedores/benedeiras ao colocar a questão do dom de uma maneira interessante e criticar o modo de vida de certos padres: “Padre com carro novo, com férias... isso pra mim não é dom: é emprego”.

¹⁰ Em sua apresentação no 2º Seminário Transformações técnicas em perspectivas locais, intitulada “Gênese e morte de um sistema domesticatório: os porcos e as paisagens agrárias haitianas”, Rodrigo Bulamah comentou brevemente sobre como a população haitiana foi forçada a substituir os porcos crioulos pelos chamados porcos brancos depois da peste suína africana. Segundo ele, os substitutos nunca chegaram a ser criados tão amplamente quanto os crioulos, e um dos motivos apontados foi que os porcos brancos atacam outros animais, como galinhas, e até crianças. Este comportamento mais agressivo Bulamah caracterizou como uma “falta de ética”; espera-se, por exemplo, que porcos invadam plantações vez ou outra, mas atacar outros animais e crianças foge daquilo que é permitido, mesmo para um animal.

enquanto pessoas mais próximas do degrau seguinte à condição humana nessa hierarquia, precisam estar disponíveis para realizar os procedimentos necessários para todos os demais que não possuem a mesma capacidade. E, tendo em vista que se trata tanto de uma capacidade fornecida por Deus quanto uma prática que está justamente associada ao bom funcionamento do mundo, é de bom tom não cobrar pelos serviços de benzimento. E, de fato, normalmente não se cobra⁹.

Cada benzimento aparece como uma reafirmação desse mundo que é conduzido pela onipotência de Deus que, no entanto, permite brechas e caminhos de acesso ao sagrado, seja por meio de pedidos aos santos, à Nossa Senhora ou aos próprios benzedores e benzedoras. A eficácia e as facilidades dos benzimentos são, portanto, compartilhadas entre aqueles que participam do mundo ordenado dessa maneira e que, conseqüentemente, depositam sua fé tanto em Deus quanto naqueles que conseguem acessá-lo mais facilmente. Os animais, alheios às decisões que dizem respeito aos procedimentos aos quais são submetidos, são incluídos nesse universo encaixado se alguém o desejar.

Em seu livro “O afeto da terra”, Brandão mostra como o benzimento pode não ser a única maneira de encaixar os animais nesse mundo ordenado pela vontade divina. Com argumenta o autor a respeito dos moradores de Joanópolis, o controle reprodutivo dos animais pelos criadores estava vinculado ao catolicismo. Os homens devem, por uma questão de respeito, submeter seus animais a uma mesma “ética”, uma “ética de homens e de bichos”. Segundo esta ética, é preciso afastar animais que são pais e filhas ou mães e filhos para evitar relações incestuosas, pois “há um código de Deus, traduzido na religião vivida pelos homens em sociedade e ‘ensinado pela Igreja’, que proíbe isso” (BRANDÃO, 1999, p. 133).

Embora se possa falar na inserção dos animais em uma ética específica¹⁰, um comportamento minimamente adequado

que caracterize sua domesticação, isso parece não se consolidar completamente. Como José nos lembra, por mais que os animais possam estar próximos de nós, acostumados, isso não muda o fato de que “animal não é batizado”. Nesse sentido, mesmo que sejam seres conhecidos e domesticados, é bom “não abusar”, pois comportamentos inesperados, até violentos, podem acontecer. A afirmação aponta para a necessidade de se pensar em graus de aproximação dos animais da posição que ocupam seus criadores, o que pode depender do tanto que os animais são imbuídos de um caráter religioso ou sagrado, como o que advém com o batismo.

Em uma pesquisa interdisciplinar sobre a Prelazia de Pinheiro, no Maranhão, Prado (1974) elenca alguns dos problemas que podem ser solucionados por um benzedor e conclui: “Benze-se, pois, todo “vivente”, quer seja “bicho” (= animal) quer seja “cristão” (= homem)”, mas já adverte:

se atentarmos para o que é incluído dentro de “todo vivente” veremos que de fato as fronteiras não recobrem indiscriminadamente todo o reino vegetal ou animal (...), como é de se supor à primeira vista. Os destinatários do “benzimento” são antes o homem e tudo aquilo que é fruto de seu trabalho e produção, ou seja, a natureza socializada. Mais explicitamente: sua *família*, seu *terreiro*, sua *roça* (PRADO, 1975, p. 42).

Ao mesmo tempo em que há uma distância aparentemente intransponível entre humanos e animais que pode ser evidenciada a partir de uma cerimônia religiosa de grande significação e importância, o batismo, é também uma religiosidade que é colocada para funcionar, através dos benzimentos, para curar os animais de criação que são tão caros aos proprietários. Além disso, parece haver uma responsabilidade com os animais de criação de modo geral, em um sentido similar ao que foi apontado por Dona Cida: eles não sabem pedir ajuda e por isso mesmo é preciso fornecê-la. Essa solicitude, por assim dizer, é apontada também por Val:

Na maioria das vezes não precisa ser diretamente para a pessoa. Pode ser que uma outra pessoa pede: um pai pede pra um filho, um tio pede para um sobrinho. E ela [a oração] fica valendo da mesma forma por fé daquela pessoa que pediu. Eu benzo criação, bicheira de criação. O vizinho viu, o dono nem vai lá às vezes, está lá no pasto, larga lá. O vizinho viu, ele pede pra eu benzer, eu benzo no nome dele e cura a criação (Val).

Embora possam ser solicitados por terceiros, como explicado, os benzimentos são procurados, primeiramente, pelos responsáveis pelos animais para aliviar a carga de trabalho necessária, razão que explica minha proposta de considerá-lo parte da tarefa de criar animais. Em uma etapa de pesquisa de campo anterior à pandemia, João, sitiante de Itaju, me levou conhecer a benzedeira responsável por benzer seus animais, Dona Cida. Dona Cida recebeu o dom, como ela mesma diz, do seu avô, mas demorou um pouco para exercê-lo. Seu primeiro benzimento aconteceu sem que ninguém pedisse; foi em uma vaca que pastava em um pasto próximo ao caminho de Dona Cida, que percebeu que o animal estava doente e o benzeu.

Se, por um lado, os animais são ajudados e se vêem livres dos inquilinos inoportunos como as bicheiras, de outro, seus donos são poupados do trabalho de curá-los com suas próprias mãos. O primeiro benzedor que conheci, Seu Juca, era da cidade vizinha, Bariri, mas eu soube de sua atuação porque ele benzia os animais de uma propriedade rural de Itaju. Tal como Dona Cida, Seu Juca não precisava se deslocar até as criações: de idade já bastante avançada, recebia os pedidos por telefone e benzia de sua casa mesmo. Era assim que fazia com o gado de Seu Geraldo, dono de várias cabeças. Quando conversamos, Seu Geraldo me revelou certa preocupação com relação à idade de Seu Juca, que contava seus 92 anos. O sitiante, com um pouco mais de 70 anos de idade, disse que não sabia como iria conseguir cuidar sozinho dos animais depois que o benzedor falecesse¹¹.

¹¹ Encontrei Seu Juca e Seu Geraldo na mesma época. Pouco tempo depois, Seu Juca faleceu, e eu ainda não tive a oportunidade de reencontrar Seu Geraldo.

Quando conversamos, Seu Geraldo mostrou-se bastante ciente da existência dos remédios¹² e das vacinas que devem ser aplicados nos bovinos, estas últimas são, inclusive, obrigatórias quando se trata das doenças brucelose e aftosa. Contudo, como não mora no sítio, mas na cidade, algumas vezes achava mais prático telefonar para seu Juca benzer algum animal do que se deslocar até a propriedade e solucionar ele próprio o problema. Os telefonemas eram, então, mais ou menos frequentes e faziam parte de várias tarefas que envolvem tomar conta de um sítio.

Na propriedade de João, os benzimentos vêm na sequência de um procedimento um tanto trabalhoso e de bastante contato: a castração dos bovinos machos. É preciso ir separando os animais do restante do rebanho do curral, fechando-os em compartimentos menores a fim de seja mais fácil amarrá-los e tombá-los para castrar. O ideal, segundo João, é que sejam pelo menos quatro pessoas envolvidas, para que o animal seja segurado bem firme e castrado mais rapidamente. A tarefa pode ser realizada por uma dupla, mas requer mais esforço e demora um pouco mais. Ele explica: “Quando castra passa sal, né, onde cortou, e já aplica uma injeção pra não dar bicho. Mas dessa última vez que castrou quatro, um pegou bicho. Aí mandou benzer”.

O método de castração é o de orquiepididectomia bilateral, ou ablação dos testículos, que consiste em se fazer um corte na bolsa escrotal e retirar os testículos do animal. Mesmo com a aplicação de uma injeção antiparasitária preventivamente, um método como esse, cirúrgico¹³, tem a desvantagem de poder levar ao aparecimento de miíases¹⁴, ou bicheiras, como aconteceu com um desses quatro bezerros castrados. A constatação dessa presença indesejada pode levar, como foi apontado por João, à procura por uma benzedeira ou benzedor.

O benzimento pode ocorrer na propriedade onde está o animal doente, inclusive porque era assim que eram realizados os benzimentos “antigamente”: “Você via a bicheira secando

¹² Um remédio bastante conhecido pelos criadores é o Lepecid®, um spray larvicida indicado para miíases cutâneas (bicheiras), castrações, descornas, cura do umbigo dos recém-nascidos e nos ferimentos de pele em geral.

¹³ Existe, por exemplo, a castração com burdizzo. É uma técnica menos invasiva, onde a circulação para o testículo é interrompida com auxílio de um “alicate”, causando a degeneração do órgão. Contudo, apesar de ser prática e não cirúrgica, tem eficiência relativa e às vezes precisa ser refeita. (fonte: <http://old.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/divulga/GCD22.html>. Acesso em: 18 jul. 2020).

¹⁴ “As miíases podem ser definidas como infestações ectoparasitárias de vertebrados vivos por larvas de Diptera que se alimentam, pelo menos durante parte da sua vida, do tecido vivo ou morto do seu hospedeiro, de suas substâncias corporais líquidas (...). No Brasil são popularmente conhecidas como “bicheiras” e “bernes” (CANSI et al., 2012, p. 250).

na hora”. Hoje, contudo, as benzeções que ocorrem sem que o benzedor ou benzedeira tenha acesso físico ao animal parecem ser um pouco mais frequentes. Nesses casos, é preciso informar “para que” a pessoa quer benzer, isso é, com a finalidade de resolver qual problema, e uma característica física do animal, como a cor ou uma mancha característica.

A partir dos relatos daqueles que criam animais em propriedades rurais, é possível, portanto, situar o benzimento entre aquilo que é feito para a manutenção da saúde e da segurança das criações e analisá-lo enquanto tal. Isso passa, necessariamente, pela consideração de tudo aquilo que está implicado em um ato como o benzimento, como o reconhecimento das benzedeadas e benzedores pela comunidade, a partilha de uma fé específica e uma ideia de ordenamento do mundo que inclui, além dos animais, seres divinos.

ORAÇÕES E EQUILÍBRIO

Muitas das orações que circulam ainda hoje vêm da Idade Média portuguesa e foram utilizadas, no período colonial, como instrumento de difusão e fixação da língua da metrópole (ALBUQUERQUE, 2004). As autoras Souza (1989) e Queiroz (1968) também apontaram para esse vínculo entre os catolicismos no Velho e no Novo Mundo. Um exemplo está na clássica obra de Evans (1906), que analisa 191 julgamentos de animais que datam principalmente dos séculos XV, XVI e XVII. O autor argumenta que os processos judiciais ocorriam antes da sanção da Igreja, e esta era acionada, principalmente, quando os acusados escapavam ao controle humano. Um dos exemplos trazidos pelo autor ocorreu em solo brasileiro, no Maranhão, quando, em 1713, um mosteiro franciscano foi infestado por cupins. Os frades requisitaram então um ato de interdição e excomunhão dos insetos (EVANS, 1906, p. 123).

A leitura dos processos inquisitoriais brasileiros revela que as orações com características propriamente nativas eram exceção. Mas se de um lado houve uma preservação das fórmulas ibéricas, de outro ocorreu a intervenção do cotidiano brasileiro, que demandou preces específicas para seu contexto, como é demonstrado por Albuquerque (2004). O trabalho do autor consistiu em identificar as características das muitas preces de produção anônima que têm atravessado os séculos sendo utilizadas fora dos templos oficiais. Ele adverte para a dificuldade de estabelecer a distinção entre o anônimo popular e o oficial eclesiástico e, ao fazê-lo, mostra como as distinções entre o que é mágico e o que é religioso refletem distinções de status e poder (ALBUQUERQUE, 2004).

Especificamente sobre orações voltadas para animais, Nery (2006) traz informações que apresentam a centralidade da palavra em um ato como o benzimento, ainda que outras ações possam ocorrer. Dirigir a palavra para outros seres que não humanos, de modo a alcançar um efeito sobre as intenções desses seres, não é algo recente, especialmente dentro da religião católica. Na Bíblia, mais especificamente o livro do Gênesis, quando Deus se dirige à serpente no Jardim do Éden para amaldiçoá-la (Gn, 3, 14). Além disso, a criação do mundo pelas mãos de Deus ocorre, segundo a Bíblia, a partir de palavras divinas de ordem (Gn 1, 1-31).

O vínculo entre palavra e ação foi bastante trabalhado por Austin em sua teoria sobre os atos de fala, cujo elemento principal é a dissolução da dicotomia entre atos constatativos e os performativos, isto é, sentenças utilizadas para descrever fatos e eventos e aquelas usadas para realizar alguma coisa, respectivamente. Ele propõe, em vez disso, que sua concepção da palavra como uma forma de agir seja estendida para toda a linguagem. Para tanto, estabelece o “ato de fala” como a unidade básica de significação (AUSTIN, 1990).

Na Antropologia, a tese de doutorado de Mauss trata especificamente da prece, e alguns de seus apontamentos podem

ser estendidos para as orações, ou rezas, dos benzimentos. Nessa obra inacabada, Mauss vincula a prece à ação ao concebê-la como um ato que produz efeito e que visa uma finalidade específica: agir sobre os seres divinos. O ensaio do autor prenuncia a ideia de que o ritual pode ser pensado a partir da linguagem, e que esta é portadora de eficácia (MAUSS, 1981).

As orações são, portanto, componente fundamental dos benzimentos, e os benzedores e benzedoras são aqueles que as conhecem, sabem de seus usos e possuem a capacidade, ou o dom, de fazê-las funcionar. Até o momento, tive acesso a apenas uma oração utilizada para curar as bicheiras dos animais, mas que Val me contou sem que eu precisasse pedir:

Uma oraçõzinha curtinha e fácil; essa oração era da época do meu pai, que veio da minha avó, do meu bisavô... ele falava assim: “Jesus Cristo quando andava pelo mundo, encontrou sr. São Pedro sentado em uma pedra marvel¹⁵ que tem Pedro, que espalhe o sangue que refresca, que vai essa bicheira do animal do Fulano, que vá para o mar salgado¹⁶ e que não faça mal a ninguém” (Val).

São Pedro sentado em uma pedra mármore aparece em uma oração apresentada pelo livro de Albuquerque (2004, p. 92); trata-se, contudo, de um benzimento para dor de dente. A respeito do sangue, Gomes e Pereira (2004, p. 50) afirmam sua importância enquanto símbolo de fertilidade, filiação divina e princípio da vida. Os mesmos autores (GOMES; PEREIRA 2004, p. 160) afirmam que o mar é considerado uma região longínqua capaz de neutralizar o mal sendo, portanto, o lugar para onde ele deve ser mandado. Segundo Val, tudo o que é ruim precisa ir para lá, pois o fundo do mar é o abismo, ou inferno. De acordo com as classificações de orações estabelecidas por Gomes e Pereira (2004, p. 251), a reza apresentada por Val se encaixa na categoria “benzeções que desterram a bicheira”. De maneira similar, o exemplo apresentado pelos autores traz o mar como

¹⁵ Embora a oração tenha sido gravada (com a autorização de Val), não foi possível compreender qual a pedra referida na oração. Inicialmente, pensei em colocar como “pedra mármore”, mas me pareceu muito distante do que foi pronunciado, marvel, então mantive assim mesmo.

¹⁶ Além de aparecer no processo de castração narrado por José e na oração de Val, o sal está bastante presente na bíblia. Enquanto um o elemento que dá sabor, purifica e conserva os alimentos, o sal aparece como componente essencial de todos os sacrifícios (oblações) oferecidos a Deus (Levítico 2:13). Ingrediente utilizado no preparo também das refeições ordinárias, o sal oferece uma conexão fácil com aliança: comer junto é comer sal e criar laços. Daí a “aliança de sal” estabelecida com Deus (Nm 18,19) e as pessoas serem como “o sal da terra” (Mt 5, 13-16).

destino desses parasitas. Na bíblia, os espíritos maléficos que atormentava um homem são mandados para dentro dos porcos que passavam por ali em manada que, em seguida, atiram-se ao mar (Mr 5:1-20).

É válido notar que, tanto no caso bíblico quanto nas informações obtidas em campo, as ameaças e os infortúnios não são eliminados, mas enviados para o lugar ao qual realmente pertencem. Espíritos ruins, bicheiras e cobras são tirados das criações e dos pastos dos proprietários das terras e mandados para longe. O benzimento parece ser, inclusive, um modo de lidar com certas questões não só à distância, mas também de maneira menos irreversível, como matar, mesmo quando há uma ameaça tão próxima e em local tão inadequado, como a cobra no mercado que apareceu no início deste artigo.

O primeiro relato de benzimento que obtive foi sobre uma ninhada de porquinhos que estava sendo pouco a pouco morta de maneira misteriosa. Quem me contou o ocorrido foi José que, por sua vez, conheceu a história através de um freguês de sua oficina na cidade vizinha, Bariri, e este soube do acontecimento direto com o dono dos animais mortos pela cobra. Os benzimentos bem sucedidos vão circulando nas conversas corriqueiras e assim vai sendo construída, ou reafirmada, a capacidade de cada benzedor. Segue o relato de José:

Olha, eu não consigo lembrar o nome do homem, mas eu sei que tinha acabado de ter uma ninhada de porquinho. E aí quando eles ficaram maiorzinhos, ele começou a achar porquinho morto de manhã. Um de cada vez, e sempre com os olhinhos furados. Morreram vários assim. E aí ele percebeu que era cobra, a urutu, que vinha do banhado e ficava rodeando, e aí quando o porquinho ia abaixando pra cheirar, ver o que era, ela furava os dois olhos. E aí ele teve que mandar benzer pra cobra ir embora (José).

É interessante notar que, ao se dar conta de que a responsável era uma cobra, o criador “teve” que buscar os serviços de um benzedor ou benzeadeira. Em outras palavras, ao ser decifrada a causa dos olhos furados, tornou-se óbvio que era preciso mandar benzer. Então se benze como se faz outras coisas na manutenção de um sítio, tanto que são identificados aqueles problemas que pedem a atuação de um benzedor ou benzeadeira.

Normalmente, as orações para afugentar cobras são dirigidas para São Bento, como é apontado pelos autores: “[contra cobras] Reza-se a oração para São Bento e Jesus Cristo no Altar, proferindo-se, ao final, a seguinte fala: “cobra, abaixa a cabeça e me deixa passar”; ou “limpa este caminho que eu quero passar” (TUSSI; FÁVARO; GOMES, 2017, p. 166). Em sua pesquisa sobre as relações entre humanos e serpentes em Urucuia, MG, Pereira¹⁷ (2017) contou um “causo de cobra” em que não foi possível obter um soro antiofídico e tornou-se necessário acionar um “rezador de cobra”, que rezou para São Bento. É o que aparece, também, no Dicionário do folclore brasileiro:

BENTO – [...] No Brasil, herança popular de Portugal, São Bento afugenta e domina as cobras venenosas. Quando alguém vai atravessar um caminho, onde há desconfiança de existir cobras, declama: São Bento, água benta!
Jesus Cristo no altar!
As cobras deste caminho
afastem que eu vou passar!” (CASCUDO, 1954, p. 98).

Não é por acaso que as orações ordenam um afastamento ou um comportamento dócil (“abaixa a cabeça”) dos animais peçonhentos. Um dos entrevistados por Gomes e Pereira em Jequitibá, MG, argumenta que não se pode matar tampouco mandar matar as cobras, “o bicho precisa viver”. Do contrário, sua morte atrapalharia os pedidos feitos em oração (GOMES; PEREIRA, 2004, p. 100). De modo similar, o caso narrado por José mostra que o benzedor foi procurado para mandar a cobra

¹⁷ O autor explica o fato de São Bento ser o santo contra cobras e suas picadas: “A história do santo informa que São Bento sofreu tentativa de envenenamento pelos monges do mosteiro onde morava. No momento em que dava a bênção sobre a taça de vinho que continha o veneno, de dentro dela saiu uma serpente e o cálice se fez em pedaços” (PEREIRA, 2017, p. 109).

embora, afugentá-la. O embora, nas propriedades rurais, costuma ser um “banhado” ou um local de vegetação mais preservada.

As benzeções operam na reafirmação de uma determinada ordem e hierarquia do mundo, que é justamente aquela cujo topo é ocupado por Deus. As demais criaturas, ainda que se diferenciem de diversas maneiras – sendo ou não batizadas, sendo ou não santas e benzedoras –, possuem a mesma condição de criações divinas. Enquanto tais, são merecedoras de uma consideração mínima ou, pelo menos, têm seus destinos determinados e controlados por Deus, de modo que não caberia aos humanos, mesmos os que benzem, decidir sobre a vida delas.

Vale mencionar aqui a possibilidade, e a importância, de se analisar os sentidos de “criação”, criação divina e criações de animais, sentidos que estão profundamente imbricados se tratando de benzimentos. Em seu livro a respeito dos animais de criação entre os Karitiana, Vander Velden mostra como os Karitiana vêem a si mesmo enquanto “*criação de Deus*”, tanto por terem sido criados por ele quanto porque são por Ele cuidados (VANDER VELDEN, 2012, p. 153). No caso dos animais, que são criação divina e dos seus proprietários, é a primeira que parece prevalecer, ainda que os seres humanos sejam autorizados a reinar sobre as demais criaturas da Terra (Gn 1, 26-28). Nesse sentido, pode-se pensar que os benzimentos são um modo de lidar com esses outros seres que não escapa aos desejos divinos de que sua obra seja respeitada: as pessoas não podem, para proteger e cuidar das suas criações, matar as de Deus.

Enquanto mecanismos de manutenção do equilíbrio, as benzeções operam em um mundo que comporta e lida com o bem tanto quanto com o mal (GOMES; PEREIRA, 1992). É nesse sentido que pensar em soluções não irreversíveis, mas que oferecem um reordenamento temporário, se mostra mais frutífero. Trata-se menos de eliminar as adversidades e mais de manuseá-las enquanto constituintes do processo da vida, o que acaba por reafirmar o trabalho e a importância de pessoas como os benzedores e benzedoras.

Participantes desse mundo a ser constantemente reordenado estão os animais de criação, que precisam, por vários meios, ser mantidos saudáveis, seguros e domesticados. Há que se reforçar a domesticidade das criações ininterruptamente que, do contrário, podem vir, eventualmente, a se “desdomesticar” (DIGARD, 2012, p. 208). A tarefa é trabalhosa, como se viu, mas o benzimento pode ser um facilitador. Como foi apontado por Val, geralmente aqueles que procuram seus serviços são os que possuem “muita criação, dificuldade pra pegar, dificuldade pra curar”. São, também, aqueles que partilham um mesmo mundo, organizado em relação ao sagrado e em comunicação com ele, e que, por conta disso, podem fornecer um dos pré-requisitos para que os benzimentos funcionem: a fé. Ainda que se admita a existência de situações em que os procedimentos possam não adiantar, a eficácia não costuma ser colocada em questão. Benze-se porque funciona e porque é mais fácil que outros métodos disponíveis. O que esse trabalho procurou fazer foi analisar as implicações contidas nessa prática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O benzimento de animais é mencionado em diversas obras que tratam dessa prática (BARROSO, 1930; ARAÚJO, 1979; GOMES; PEREIRA, 2004; ALBUQUERQUE, 2004). A proposta deste texto foi de analisá-lo mais demoradamente e enquanto constituinte do trabalho de cuidar das criações. O material obtido em campo aponta que os benzimentos possuem importância fundamental na criação dos animais, para além de ser apenas um pequeno auxílio ou ajuste ou uma prática acessória, tão somente complementar ao que seriam métodos “científicos” ou “modernos”, como a medicina veterinária. O benzimento vem ao encontro de uma série de procedimentos, forças e técnicas lançadas sobre os animais que já são consideradas como parte constitutiva do trabalho de ter uma criação e entre os quais eu –

e, ao que parece, também meus interlocutores – procuro inserir as benzeções.

Ao olharmos para o protagonismo do benzimento na criação animal percebemos que ele alça seus executores a um patamar um pouco mais elevado em direção ao sagrado, ao mesmo tempo em que exige, dos que permanecem embaixo, fé para funcionar. Trata-se de uma prática executada conjuntamente por benzedores e benzedoras e aqueles que os procuram. O compartilhamento não é, contudo, apenas de tarefas na realização dos procedimentos; é também uma partilha de histórias, experiências e de uma determinada compreensão do mundo – além, é claro, da fé e da devoção a Deus.

Uma análise mais aprofundada desses procedimentos é necessária, e passa ela inclusão dos diversos seres que deles fazem parte: criadores, benzedores e benzedoras, animais e divindades. Além disso, é preciso um olhar atento sobre as orações, posturas e gestos que compõem as benzeções – mesmo que seja a proibição de uma ação, como o olhar – para ela seja bem sucedida. Pensar o benzimento é, afinal, pensar seus procedimentos e, também, suas relações. Essa tarefa passa por considerar espaços para além das propriedades rurais e da própria vida terrena, a fim de incluir, entre sprays, vacinas e castrações, os benzimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. *Orações & rezas populares*. Porto Alegre: Rigel, 2004.

ARAÚJO, Alceu Maynard de. *Medicina Rústica*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

AUSTIN, John. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BETHENCOURT, Francisco. *O imaginário da magia: feiticeiras, adivinhos e curandeiros em Portugal no século XVI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Fronteira da fé – Alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 261-288, set/dez. 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes do Bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

CÂNDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo/Rio de Janeiro: edusp, 2017.

CANSI, Edison Rogerio; ATAÍDE, Hélio Spindola de; DEMO, Caroline; GONÇALVES, Rodrigo Gurgel & LUZ, José Roberto Pujol. *As miúses no imaginário de uma população rural no município de Formosa (Goiás), Brasil*. Revista Biotemas, v. 5, n. 4, p. 249-258, dezembro de 2012.

CASCUDO, Luis da Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. Ministério de Educação e Cultura, 1954.

DIGARD, JeanPierre. *A biodiversidade doméstica*. Anuário Antropológico, v. 37, n. 2, p. 205-223, 2012.

EVANS, Edward Payson. *The criminal prosecution and capital punishment of animals: the lost history of Europe's animal trials*. London: Faber and Faber Ltd., 1987.

FARAGE, Nádia. *As flores da fala: práticas retóricas entre os Wapishana*. 1997. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa), Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2004.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Mundo encaixado, significação da cultura popular*. Juiz de Fora: Mazza Edições, 1992.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. *Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção*. Revista Guaju, v. 1, p. 110-126, 2015.

JURKEVICS, Vera Irene. *Os santos da igreja e os santos do povo: devoções e manifestações de religiosidade popular*. 2004. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

LEERS, Bernardino O.F.M. *Catolicismo popular e mundo rural, um ensaio pastoral*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1977.

LOLLI, Pedro. *Sopros de vida e destruição: composição e decomposição de pessoas*. Revista de Antropologia, v. 56, n. 2, p. 365-396, 2013.

MAUSS, Marcel, 1981 [1909], "A prece", em *Marcel Mauss, Ensaios de Sociologia*. São Paulo, Perspectiva.

MAYBLIN, M. *Gender, catholicism, and morality in Brazil*. London: Palgrave Macmillan, 2010.

MOURA, Elen Cristina Dias de. *Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

NERY, Vanda Cunha. *Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé*. VI Encontro dos Núcleos de Pesquisas da Intercom, p. 1-15, 2006.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. *Doença, cura e benzedura: estudo sobre o ofício da benzedeira em Campinas*. Campinas: s.ed.,1983.

PEREIRA, Luzimar Paulo. Bicho Mau: “Causos” de homens e serpentes em Urucuia, MG. Trabalho apresentado na 30a Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre 3 a 6 de agosto, em João Pessoa/PB, 2016.

PRADO, Regina de P. S. *Sobre a classificação dos funcionários religiosos da zona da Baixada Maranhense*. In: MATTA, Roberto da (org.) Pesquisa polidisciplinar “Prelazia de Pinheiro”; aspectos antropológicos. São Luís: IPEI, 1975.

QUEIROZ, Mara Isaura de Pereira. *O Catolicismo Rústico no Brasil*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 5, p. 104-123, 31 dez. 1968.

QUINTANA, Albert Manuel. *A Ciência da Benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru: EDUSC, 1999.

ROSA, Rogério Reus Gonçalves da. “Os Kujà são diferentes”: um estudo etnológico do complexo xamânico dos Kaingang da Tera Indígena Votouro. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SALGADO, Lidiane Lizardo. *Mutawarisá: benzimento entre os Baré de São Gabriel da Cahoeira – Alto Rio Negro*. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade Federal do Amazonas. Manaus.

SOUSA. Giuliano Glória de. *Negros feiticeiros das Geraes. Práticas mágicas e cultos africanos em Minas Gerais, 1748-1800*. 2011. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de São João del-Rei. São João Del-Rei.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TUSSI, Ana Cristina; FÁVARO, Jorge Luiz; GOMES Marquiana de Freitas Vilas Boas. *Tratamento de animais domésticos por meio de práticas tradicionais utilizadas em Faxinal do Kruger, Boa Ventura de São Roque – Paraná*. Revista Pegada, v. 18, n.1, 2017.

MÍRIAM REBECA RODEGUERO STEFANUTO - Mestra e doutoranda em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSCar. E-mail: miriamstefanuto@gmail.com.

